

Extrativismo do babaçu no estado do Tocantins: percepção dos atores locais na atividade extrativista

Babassu extractivism in the state of Tocantins: perception of local actors in extractive activity

Antonia Francisca da Silva Saraiva

Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (UFT/PPGDR).

antoniafc@hotmail.com

Nilton Marques de Oliveira

Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (UFT/PPGDR).

niltonmarques@mail.uft.edu.br

Antonio Sergio Monteiro Filocreão

Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional (UNIFAP/PPGMDR).

afilocreao@gmail.com

Walter Saraiva Lopes

Universidade Federal do Maranhão, Coordenação do Curso de Ciências Contábeis (UFMA/COCC/CCIm)

w.saraiva@yahoo.com.br

Grupo de Trabalho (GT): GT07. Desenvolvimento rural, territorial e regional

Resumo

O extrativismo de babaçu possui relevância social, econômica, cultural e ambiental para o estado do Tocantins. O objetivo deste estudo consistiu em analisar, na percepção dos atores locais, a importância e os desafios da atividade extrativista do babaçu no estado do Tocantins. Foi caracterizada como pesquisa qualitativa, com abordagem exploratória, descritiva e técnica de análise de conteúdo, usando representações sociais e associação livre de palavras. Os dados foram coletados através de entrevistas com 24 atores locais, no período de novembro/2023 a fevereiro/2024. Foi utilizado um termo indutor: Quando o(a) senhor(a) ouve a frase: “Extrativismo do babaçu no estado do Tocantins”, quais são as primeiras cinco palavras que veem à sua mente? Os dados da pesquisa foram analisados através do *software* IRaMuTeQ, que processou as seguintes análises: a) lematização das matrizes de conteúdo; b) análise de similitude, utilizando grafos; c) análise prototípica. Os resultados evidenciaram que, na análise da frequência de palavras (*f*) e da Ordem Média de Evocação (OME), que as evocações predominantemente foram os termos: “sustento familiar” (*f*=18 e OME=2,6), “aproveitamento sustentável” (*f*=14 e OME=2,6), “resistência” (*f*=10 e OME=2,8), “preservação” (*f*=8 e OME=2,8), “extrativismo” (*f*=8 e OME=2,2), “renda complementar” (*f*=13 e OME=3,5), “suprir necessidade” (*f*=13 e OME=3,3), “produto sustentável” (*f*=10 e OME=3,3), “sem acesso” (*f*=5 e OME=4,2) e “babaçu livre” (*f*=3 e OME=2,0). Esses termos indicam as primeiras posições das evocações que os atores locais consideram ao termo indutor. Os resultados apontam que o extrativismo do babaçu representa o sustento e fonte de renda familiar, mas evidenciam resistência diante dos conflitos, incluindo o acesso livre e a preservação das palmeiras de babaçu. Conclui-se que, o extrativismo do babaçu proporciona sustento e renda, mas têm os desafios como as proibições ao acesso aos babaçuais e a falta de preservação das palmeiras.

Palavras-chave: extrativismo do babaçu; Resex do Extremo Norte do Tocantins; estado do Tocantins; sustento familiar; babaçu livre.

Abstract

The babassu extractivism has social, economic, cultural, and environmental relevance for the state of Tocantins. The objective of this study consisted to analyze, in the perception of local actors, the importance and challenges

of the extractivist activity of babassu in the state of Tocantins. It was characterized as qualitative research, with an exploratory, descriptive approach and content analysis technique, using social representations and free words association. The data was collected through interviews with 24 local actors, in the period from November/2023 and February/2024. It was utilized an inductor term: When you hear the phrase: "Babassu extractivism in the state of Tocantins" what are the first five words that come to mind? Research data were analyzed utilizing the IRaMuTeQ software, which processed the following analyses: a) lemmatization of the content matrices; b) similarity analysis, using graphs; c) prototypical analysis. The results evidenced that, in the analysis of the frequency of words (f) and the Average Order of Evocation (OME), the predominant evocations were the terms: "family livelihood" (f=18 e OME=2.6), "sustainable utilization" (f=14 and OME=2.6), "resistance" (f=10 and OME=2.8), "preservation" (f=8 and OME=2.8), "extractivism" (f=8 and OME=2.2), "supplementary income" (f=13 and OME=3.5), "meeting needs" (f=13 and OME=3.3), "sustainable product" (f=10 and OME=3.3), "no access" (f=5 and OME=4.2) and "free babassu" (f=3 and OME=2.0). These terms indicate the first positions of the evocations that local actors consider to the inductor term. The results point that babassu extractivism represents a means of livelihood and source of family income, but they evidence is resistance in the face of conflicts, including free access and a preservation of babassu palm trees. It is concluded that, Babassu extractivism provides livelihood and income, but there are challenges such as bans on access to babassu groves and the lack of preservation of the palm trees.

Key words: Extractivism of babaçu; Extractive Resex in the Far North of Tocantins; state of Tocantins; family livelihood; free babassu.

1. Introdução

O extrativismo é uma atividade que acompanha a humanidade desde os tempos remotos, representando uma das principais maneiras de obter recursos para a subsistência e manutenção da sociedade (Caselli *et al.*, 2018). Além de desempenhar um papel importantes na obtenção de recursos, o extrativismo influencia os aspectos sociais, econômicos e ecológicos dos países.

Atualmente, o extrativismo passou por transformações significativas, sendo reconhecido não apenas como uma fonte de emprego e renda, mas também como um contribuinte fundamental para a preservação ambiental (Siena; Müller; Fachinello, 2012). Para Campelo Filho *et al.*, (2018) o extrativismo está associado a duas interpretações: uma promove o desenvolvimento econômico e a outra enfatiza a preservação dos recursos ambientais, ambas influenciando aspectos sociais e econômicos.

No contexto brasileiro, o extrativismo desempenhou um papel expressivo na formação econômica e social ao longo da história do país (Castro; Campos, 2015). As características históricas do extrativismo permitiram que essa atividade desempenhasse um papel fundamental na formação econômica brasileira.

A importância econômica dada ao extrativismo por meio dos produtos extrativos, foi responsável por modificar a estrutura socioeconômica e política da região amazônica (Homma, 2012). Dessa forma, a atividade extrativista continua a ser praticada e ainda muito importante na economia da região.

O extrativismo representa uma forma de organização do território amazônico, caracterizado por uma atividade pré-colonial que ainda é praticada atualmente, especialmente por caboclos, indígenas e demais povos da floresta (Gonçalves, 2012). A abundância de produtos extrativos na região amazônica influenciou o desenvolvimento do país desde a sua colonização (Gomes, 2018).

Sendo que esse extrativismo pode ser extrativismo vegetal, mineral e animal. Para Lemes e Gomes (2021), o extrativismo vegetal foi o que teve maior representatividade na preservação ambiental. Extrativismo vegetal, que é o processo de exploração dos recursos vegetais, que inclui a coleta de forma consciente, possibilitando a obtenção de produções contínuas ao longo do tempo de forma tradicional, e geralmente resulta em apenas uma única produção (IBGE, 2021).

Portanto, destaca-se que a relevância do extrativismo vegetal, não está centrada somente questão na econômica, mas também considera a vivência das comunidades tradicionais, cuja

ocupação é apoiada na exploração dos recursos naturais como atividades econômicas, preservação da floresta e manutenção das tradições (SILVA et al., 2016). Dessa forma, ressalta-se que o estado do Tocantins, faz parte da região amazônica e se destaca no cenário do extrativismo vegetal.

Assim, evidencia-se que o estado do Tocantins foi influenciado pela busca por recursos naturais e possui características que o situam na zona de transição geográfica entre o cerrado e a floresta amazônica. Essa característica com uma diversidade vegetal, destaca-se a palmeira do babaçu que é uma árvore nativa. As florestas de babaçuais não representam somente o valor comercial, mas também o social, ambiental e patrimonial para o estado do Tocantins.

Dentro desse contexto, o histórico socioeconômico do estado do Tocantins, foi influenciado pela exploração dos recursos naturais. Diante disso, surge a seguinte questão de pesquisa: Como a atividade extrativista do babaçu tem impactado o estado do Tocantins na percepção dos atores locais? Com o propósito de responder a essa questão, o objetivo deste estudo consistiu em analisar, na percepção dos atores locais, a importância e os desafios da atividade extrativista do babaçu no estado do Tocantins.

Esse estudo se justifica pela relevância do extrativismo do babaçu para o estado do Tocantins, levando em conta as mudanças socioeconômicas e ambientais, e considerando a participação dos atores locais e o desenvolvimento das potencialidades. Nesse sentido, a pesquisa revela a representatividade do babaçu no estado.

2. Extrativismo do babaçu no estado do Tocantins

O extrativismo da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) é uma atividade que vem sendo praticada pelas comunidades locais, exercendo influência sobre suas formas de vida. Para Porro, (2019) o babaçu é um dos principais produtos do extrativismo vegetal, tendo representatividade na sociobiodiversidade brasileira.

Ao longo do tempo, o extrativismo do babaçu conquistou o mercado nacional e internacional, mas por diversos fatores perdeu esse mercado. A oferta da soja, palma, milho e outros óleos, são fatores que contribuíram para a queda na demanda pelo óleo de babaçu, as indústrias passaram a importar os óleos similares, que tinham preços competitivos e oferta, fechando o mercado das indústrias do babaçu (Gouveia, 2015; Gouveia; Angelo, 2017; Porro; Sousa, 2023). Destaca-se que a economia babaçueira foi marcada dos anos de 1960 até o início de 1980 (Gouveia, 2015).

Contudo, é notável a participação do babaçu em vários segmentos da economia, como indústria alimentícia (humana e animal), cosméticos de beleza, produtos de limpeza, fármacos (Maciel et al., 2022; Paixão et al., 2019; Silva et al., 2021; Veras et al., 2016). Ainda para os autores, o babaçu abastece o mercado mundial e seus insumos continuam sendo direcionados para vários segmentos da economia. Para a CONAB, (2022), o babaçu foi considerado, até 2011, o segundo produto de maior volume de produção dentre os produtos extrativos do Brasil.

Diante desse cenário de redução da produção de babaçu, Porro, (2019) em um estudo sobre o babaçu no Maranhão, questiona que esses resultados não refletem a realidade, pois municípios com maiores estruturas, essa produção pode ser superestimada. Ainda para o autor, a produção local é direcionada a esses municípios (com estrutura) e esses registros ainda são informais.

Muitas questões são levantadas sobre as dificuldades na economia extrativista do babaçu, como falta de apoio do governo e restrição de acesso aos recursos naturais, adicionado ao acesso às políticas sociais e compensatória (Aposentadoria Rural e Programa Bolsa Família) (Porro, 2019, 2022). Ainda para o autor as políticas sociais e compensatória, trouxeram uma renda, para quem só vivia do extrativismo do babaçu, considerando que é uma atividade morosa e de baixo retorno econômico.

Para Porro, (2019) estimar e entender a relevância da economia do babaçu é uma alternativa para fortalecer essa economia e consequentemente estruturação para potencializar, e conservar a floresta e melhorar a vida das pessoas que vivem do extrativismo. O babaçu é considerado um recurso com potencial comercial para as populações tradicionais.

Destaca-se que a economia do babaçu vem se sustentando até os dias atuais e continua um recurso significativo do extrativismo no Brasil. Dessa forma, muitos estudos têm relacionados ao babaçu e sua importância nas questões econômicas, sociológicas e ambientais (Calderon, 2013; Gouveia, 2015; Porro; Mota; Schmitz, 2010).

Nesse contexto, é importante ressaltar que a exploração do babaçu impacta diretamente as famílias que há gerações vivem da economia do babaçu, utilizando-o de diversas maneiras como: usam a palha para cobrir casas, o palmito é usado na alimentação, da amêndoa se extrai o óleo e as cascas do fruto é utilizado para produção de carvão (MIQCB, 2023). Esses recursos são utilizados tanto pelas famílias para seus próprios consumo, quanto para comercialização. Ainda para o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), estima que a população extrativista de babaçu têm cerca de 400 mil pessoas, são esses atores que sustentam a economia extrativista do babaçu no país.

Dessa forma, é importante ressaltar os estados onde tem ocorrência da palmeira de babaçu, que são Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás (Carrazza; Cruz; Silva, 2012). Os estados com maiores volumes de produção são Maranhão, Tocantins e Piauí (IBGE, 2023).

O estado do Tocantins é o segundo na produção nacional de babaçu (IBGE, 2023). O estado é caracterizado por uma ampla diversidade vegetal, dentre elas a palmeira do babaçu que é uma árvore nativa. O babaçu tem valor comercial e patrimonial para o estado do Tocantins.

Ressalta-se, que o estado do Tocantins, desde a sua formação foi influenciado pela descoberta da mineração e pelas políticas integracionistas, econômicas e desenvolvimentistas do Governo Militar, que contribuiu para integração da região Norte. Os primeiros habitantes do estado do Tocantins foram grupos indígenas Apinayé, Krahô e Xerentes (Giraldin, 2004).

O movimento de ocupação do estado, foi marcado também por conflitos agrários, principalmente na área que hoje é conhecida como a microrregião Bico do Papagaio (Giraldin, 2017; Sousa; Oliveira, 2017). De acordo com os autores, o governo, com a intenção de povoar essa região menos povoada do estado, liberou as terras.

A dinâmica de ocupação da região do Bico do Papagaio foi influenciada, por parte dos migrantes do Maranhão, Piauí e Ceará, buscavam por terras devolutas para explorar a agricultura e o extrativismo (Sousa; Silva, 2017). Ainda para os autores, destaca-se a participação de Pe. Josimo que foi símbolo de resistência e lutou ao lado dos trabalhadores rurais da região. Ressalta a participação de grupos políticos, movimentos sociais e a sociedade civil organizada (Celestino, 2016).

Para Vieira, (2018) as principais atividades econômicas na região eram a pecuária e a agricultura, o que caracterizava uma economia pouco diversificada e vulnerável. Sendo que, o estado é marcado por desigualdade regional, que herdou do antigo sistema administrativo e continua a desafiar os novos governos (Bolwerk, 2014). Ressalta-se que as dinâmicas sociais e ambientais são diferenciadas, pois se encontra uma fronteira agrícola e uma mata densa de palmeira do babaçu, em direção à Amazônia (Rocha, 2011). Nesse sentido, o babaçu faz parte da formação socioeconômica do Tocantins.

Ao longo dos anos, o estado do Tocantins fortaleceu suas estruturas produtivas. Nesse sentido, a atividade extrativista do coco babaçu é uma prática tradicional e fundamental para as famílias do estado (Sousa; Silva, 2017). É uma atividade desenvolvida por homens e mulheres, mas são as mulheres que assumem como profissão. Essas mulheres são denominadas de

quebradeiras de coco, são as principais responsáveis por essa atividade (coleta e quebra) (Carrazza; Cruz; Silva, 2012).

Nesse contexto, o babaçu pode ser encontrado em boa parte dos municípios do centro do estado, encontra-se em maior quantidade as florestas de babaçuais na microrregião do Bico do Papagaio (Giraldin, 2017). Ainda para o autor nessa região, concentra-se intensa atividade e cultura ligada ao babaçu.

Para amenizar os conflitos agrários na região do Bico do Papagaio que tem prevalência de latifundiários com direitos de propriedades e sobre os recursos naturais, dentre eles o babaçu. A região ganhou a Reservas Extrativistas do Extremo Norte do Tocantins, criada através do Decreto nº 535 em 20 de maio de 1992 (Brasil, 1992). A criação da reserva não trouxe as transformações esperadas, principalmente em relação às terras e a liberdade para exploração dos recursos naturais, pela comunidade beneficiada.

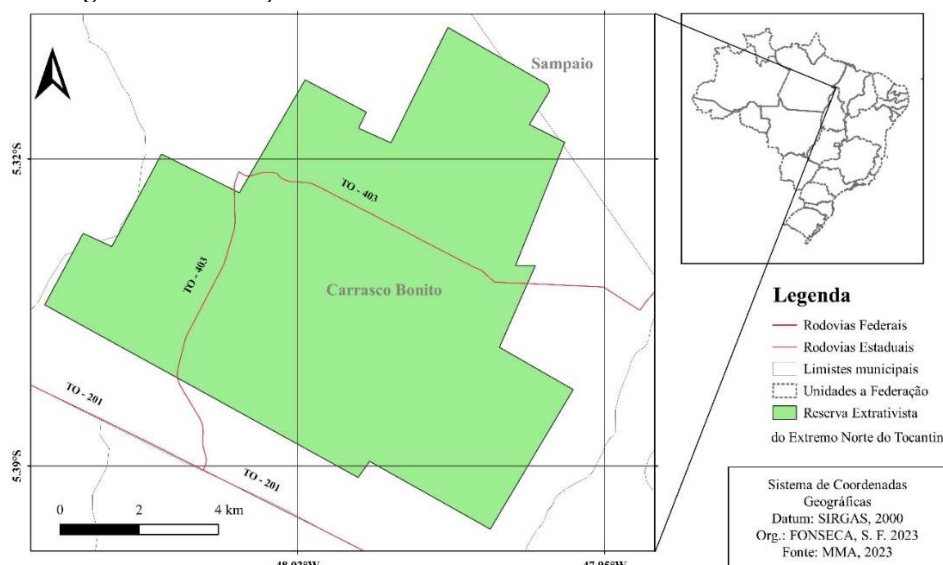
A importância das lutas das mulheres quebradeiras de coco pelo direito à terra e pela sustentabilidade dos babaçuais é evidente, e neste contexto, destaca-se o papel de dona Raimunda Quebradeira de Coco como uma representante da luta pelo babaçu (Sousa; Oliveira, 2017). Vários fatores têm influenciado a redução da exploração do babaçu no estado, como os conflitos pela disputa do coco babaçu, derrubadas de babaçuais, a expansão da fronteira agrícola para a Amazônia e a atuação de empresas privadas (Sousa; Silva, 2017).

3. Aspecto metodologia

3.1 Reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins no estado do Tocantins

A pesquisa foi realizada na Reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins (RESEX do Extremo Norte do Tocantins), situada na microrregião do Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins. Foi criada pelo Decreto nº 535/1992, abrangendo uma área de 9.280 hectares, para fins de interesses sociais e ecológicos (Brasil, 1992). Essa Resex promove a conservação dos recursos naturais e a promoção do desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais. Na Figura 1, apresenta-se a localização da RESEX do Extremo Norte do Tocantins.

Figura 1: Localização da Reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins



Fonte: Elaborados pelos autores (2024).

A população censitárias em 2022 dos municípios que pertencem a RESEX do Extremo Norte do Tocantins são de 17.840 habitantes (IBGE, 2023a; b; c), sendo: i) Buriti do Tocantins,

com 10.307 habitantes ; ii) Carrasco Bonito, com 3.318 habitantes ; iii) Sampaio, com 4.215 habitantes.

Na RESEX do Extremo Norte do Tocantins é feito a exploração da amêndoa do babaçu, sendo uma atividade geralmente praticada por mulheres (Teixeira, Moreira e Silva, 2018). Ainda conforme os autores, a atividade econômica principal é a extração e comercialização da amêndoa de babaçu, mas também é praticada a agricultura familiar, através do plantio de arroz, milho, feijão, dentre outros, sendo principalmente para o consumo de suas famílias.

3.2 Características e abordagens da pesquisa

Esta pesquisa foi fundamentada pela abordagem de pesquisa qualitativa, conforme Gil (2019), visando a compreensão dos fenômenos estudados. O campo de pesquisa foi a RESEX do Extremo Norte do Tocantins, considerando a percepção dos atores locais, que, segundo Vergara (2016), está relacionado ao local de estudo.

A pesquisa foi classificada como exploratória, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a temática estudados (Palagi *et al.*, 2017). Nesse sentido, essa pesquisa procura conhecer os fatos sobre a realidade do extrativismo do babaçu no estado do Tocantins. A pesquisa apresentou características descritivas, considerando a intenção de descrever e interpretar o evento observado (Osorio, Lobato e Castillo Del, 2009), sobre o extrativismo do babaçu, tendo em vista o desenvolvimento do estado do Tocantins.

A coleta dos dados foi feita por meio de entrevista semiestruturada com perguntas abertas, realizada de forma presencial no período de novembro/2023 a fevereiro/2024, envolvendo 24 atores locais relacionados ao extrativismo do babaçu. Essas entrevistas foram registradas em gravações para posterior transcrição e codificação, a fim de sua síntese e análise.

Os atores locais (sociais, econômico e políticos) foram convidados a participar da pesquisa de acordo com sua relação com o extrativismo da babaçu nos municípios de Carrasco Bonito, Sampaio e Buriti do Tocantins, levando em consideração a participação dos atores no desenvolvimento dessas localidades.

3.3 Aspecto ético

A pesquisa, por envolver seres humanos, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins/Campus Palmas, com Registro CAAE nº 70394423.0.0000.5519, obtive parecer favorável para a realização da pesquisa.

3.4 Teoria das Representações Sociais e Técnica de Associação Livre de Palavras

A Teoria da Representatividade Social (TRS) tem como autor o francês Serge Moscovici (Moscovici, 2004; 2015). Sua teoria deu origem ao campo da representação social, que, para o autor, se caracteriza por um agrupamento de valores, concepções, práticas e costumes de um grupo, com a finalidade de normatizar o mundo e indicar seu comportamento.

Segundo Moscovici (2004; 2015), a representação social simboliza que o indivíduo faz parte da elaboração da realidade social e não apenas a reproduz passivamente, mas esse indivíduo participa de forma individual na construção dela.

As representações sociais geram instrumentos que nos possibilitam explorar o conteúdo de um elemento (Jodelet, 2013). Dessa forma, será possível definir a identidade dos atores locais do extrativismo do babaçu no estado do Tocantins, bem como extrair de forma individual os elementos que auxiliam na investigação da coletividade.

Observa-se que as representações sociais orientam e organizam as ações e as comunicações sociais, interferindo nos processos de difusão e assimilação do conhecimento, desenvolvimento individual e coletivo, definição das identidades pessoais e sociais, expressão de grupos e transformações sociais (Guerra *et al.*, 2011). Sendo que essas representações sociais

são reveladas sobre o método de construção, a partir da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP).

Nesse contexto, Tavares et al. (2014), através da TALP, é possível buscar por induções e estímulos, verbais e não verbais, fatores, identidades e qualidades dos atores, em razão do objeto indutor. As palavras são distribuídas e organizadas de forma a permitir um entendimento sobre as palavras-chave ou frase da pesquisa. Neste sentido, o termo indutor é um instrumento para coletar dados.

Nesse estudo o termo indutor utilizado foi: Quando o(a) senhor (a) ouve a frase: “Extrativismo do babaçu no estado do Tocantins”, quais são as primeiras cinco palavras que veem à sua mente?. Esse termo indutor foi aplicado aos atores locais ligados ao extrativismo do babaçu no estado do Tocantins.

3.5 Análises textuais de frequência, similitude e prototípica

A análise das frequências múltiplas destaca as palavras mais frequentemente evocadas, revelando sua importância com base na ordem e proporção das evocações (Justo e Camargo, 2014).

Na análise de similitude, são apresentadas as conexões entre os termos de uma representação social, ilustrando sua estrutura através de gráficos como árvores em comunidades (Donato et al., 2017). Essa análise permite identificar a importância das palavras e os temas predominantes na representação pelo seu tamanho ou pelas evocações.

A análise prototípica, segundo Donato et al. (2017), utiliza critérios de frequência e ordem de evocações para explorar a estrutura das representações sociais, destacando o núcleo central, primeira periferia, segunda periferia e a zona de contraste. A ordem média de evocação (OME) e a frequência das palavras são fundamentais para classificar os termos nos quadrantes e compreender a importância de cada elemento na representação social. De acordo com Correia e Joia, (2014) para o cálculo da OME emprega-se a Equação 1.

$$OME = \frac{\sum_{i=1}^n (h_i f_i)}{\sum_{i=1}^n f_i} \quad (1)$$

Onde, a sigla OME representa a ordem média de evocação, que significa ordem e indica o posicionamento que a mesma palavra ocupa dentro das evocações; h é a hierarquia (posição da evocação) na ordem que as evocações foram atribuídas como 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª palavra (Quadro 1); f corresponde a frequência na posição, ou seja, a quantidade de vezes que ela foi evocada; $\sum f$ total de frequências evocadas para um dado termo, considerada todas as hierarquias de posição atribuídas.

A importância de uma palavra nas representações sociais está diretamente ligada à sua frequência de vezes; as que ocupam o núcleo central das representações são as mais mencionadas, enquanto aqueles menos mencionados tendem a estar nos quadrantes periféricos ou de contraste.

3.6 Análise dos dados

Os dados da pesquisa, as palavras coletadas através do questionário aplicado com base na Técnica de Associação Livre de Palavras, foram analisadas utilizando o *software* IRaMuTeQ. Na elaboração das análises de frequências múltiplas de ocorrência de palavras, os diagramas de análise de similitude e na construção das matrizes prototípicas.

Os dados obtidos das respostas da questão indutora sobre o “Extrativismo do babaçu no estado do Tocantins”, foram categorizados para identificar os aspectos semelhantes às

representações sociais e as associações das palavras, a fim de confirmar os resultados na TALP, respaldados pela teoria do desenvolvimento social e econômico.

Além dessas, os conteúdos das entrevistas das questões livres foram usados para enriquecer o diálogo com os resultados das análises textuais de frequência, similitude e prototípica, proporcionando uma compreensão mais ampla e detalhada dos termos invocados na pesquisa.

3.7 Matrizes de respostas dos atores sociais

A matriz de reposta foi preparada e lematizada para garantir a consistência e a semelhança semântica dos termos mencionados pelos participantes. A matriz ajustada, no Quadro 1 apresenta os dados dos 24 (vinte e quatro) atores locais.

Quadro 1: Respostas dos atores quanto ao termo indutor sobre Extrativismo do babaçu no estado do Tocantins

Palavra_1	Palavra_2	Palavra_3	Palavra_4	Palavra_5
Resistência	Cerca elétrica	Propriedade privada	Conflitos	Sem acesso
Sustento familiar	Produto sustentável	Reaproveitamento sustentável	Suprir necessidade	Renda complementar
Aproveitamento sustentável	Suprir necessidade	Aproveita palha	Produto sustentável	Matar a palmeira
Renda complementar	Suprir necessidade	Produto sustentável	Sustento familiar	Suprir necessidade
Sustento familiar	Suprir necessidade	Produto sustentável	Fonte de _sustento	Renda complementar
Resistência	Extrativismo	Aproveitamento sustentável	Preservação	Comunidades tradicionais
Aproveitamento sustentável	Produto sustentável	Propriedade privada	Resistência	Sem acesso
Sustento familiar	Extrativismo	Suprir necessidade	Produto sustentável	Aproveitamento sustentável
Aproveitamento sustentável	Sustento familiar	Renda complementar	Suprir necessidade	Produto sustentável
Sustento familiar	Renda complementar	Suprir necessidade	Produto sustentável	Resistência
Aproveitamento sustentável	Sustento familiar	Renda complementar	Suprir necessidade	Produto sustentável
Sustento familiar	Suprir necessidade	Resistência	Renda complementar	Aproveitamento sustentável
Resistência	Extrativismo	Sustento familiar	Aproveitamento sustentável	Preservação
Produto sustentável	Sustento familiar	Babaçu livre	Sem acesso	Renda complementar
Sustento familiar	Extrativismo	Resistência	Renda complementar	Fonte de sustento
Subvalorizado	Suprir necessidade	Aproveitamento sustentável	Sustento familiar	Renda complementar
Aproveitamento sustentável	Babaçu livre	Matar a palmeira	Propriedadee privada	Preservação
Aproveitamento sustentável	Resistência	Extrativismo	Renda complementar	Sustento familiar
Preservação	Fonte de sustento	Renda complementar	Sustento familiar	Suprir necessidade
Preservação	Subvalorizado	Aproveitamento sustentável	Sustento familiar	Suprir necessidade
Preservação	Sustento familiar	Aproveitamento sustentável	Matar a palmeira	Sem acesso
Renda complementar	Extrativismo	Resistência	Fonte de sustento	Sustento familiar
Preservação	Extrativismo	Sustento familiar	Matar a palmeira	Aproveitamento sustentável
Babaçu livre	Sem acesso	Extrativismo	Preservação	Resistência

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Os termos da Quadro 1 foram padronizados no singular e na forma masculina, utilizando um dicionário de dados para alinhar os termos homônimos ao mesmo radical.

4. Resultados e discussão

Nesta seção, foram apresentados os resultados e a discussão sobre a percepção dos atores que fazem parte do extrativismo do babaçu no estado do Tocantins. Com base no conjunto de dados dos atores locais (sociais, econômico e políticos), foram realizadas as análises de frequências múltiplas, similitude e prototípica.

Foram entrevistados 24 atores locais, gerando 120 evocações (Quadro 1). No processo de agrupamento das evocações semelhantes, foram obtidas um total de 19 evocações diferentes. Na Tabela 1, é apresentada a frequência múltipla, que mostra a soma de todas as evocações por ordem de força, totalizando 19 palavras, juntamente com sua representação gráfica.

Tabela 1: Análise de frequências múltiplas e representação gráfica dos atores extrativos do babaçu na Resex do Extremo Norte do Tocantins

Palavras	Frequência	% Total	nº de Linha	% Bruta	Representação gráfica
Sustento familiar	18	15,00	18	75,00	
Aproveitamento	14	11,67	14	58,33	
Renda complementar	13	10,83	13	54,17	
Suprir necessidade	13	10,83	12	50,00	
Produto sustentável	10	8,33	10	41,67	
Resistência	10	8,33	10	41,67	
Preservação	8	6,67	8	33,33	
Extrativismo	8	6,67	8	33,33	
Sem acesso	5	4,17	5	20,83	
Matar a palmeira	4	3,33	4	16,67	
Fonte de sustento	4	3,33	4	16,67	
Propriedade privada	3	2,50	3	12,50	
Babaçu livre	3	2,50	3	12,50	
Subvalorizado	2	1,67	2	8,33	
Cerca elétrica	1	0,83	1	4,17	
Aproveita palha	1	0,83	1	4,17	
Reaproveitamento sustent.	1	0,83	1	4,17	
Comunidades tradicionais	1	0,83	1	4,17	
Conflitos	1	0,83	1	4,17	

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Analisando a Tabela 1, observam-se as palavras por ordem de frequência e por meio da evocação dos entrevistados, resultaram nas seguintes palavras: "sustento familiar" com maior representatividade de 15,00%, "aproveitamento sustentável" com 11,67%, "renda complementar" e "suprir necessidade" ambas com 10,83%, "produto sustentável" e "resistência" juntas soma 16,66%. Essas evocações se destacaram como as mais importantes, independentemente da ordem hierárquica das evocações, indicando o que os entrevistados têm em sua mente sobre o extrativismo do babaçu no estado do Tocantins.

Nesse contexto, fica evidente que a representatividade do babaçu no Tocantins não se centraliza somente na expressão "sustento familiar" como fonte de renda principal, mas também no "aproveitamento sustentável", no sentido de explorar o produto extrativo de forma sustentável, e na "renda complementar", seguida do elemento "suprir necessidades". Essas duas últimas termos representam a contribuição do extrativismo do babaçu para o sustento das comunidades envolvidas e para a economia local.

Ainda sobre o termo “sustento família”, na perspectiva dos atores locais, o babaçu assume uma importância para a comunidade envolvida, proporcionando-lhes meios para sustentar suas famílias por meio do trabalho envolvido. Para o MIQCB (2023), muitas famílias há gerações vivem da economia do babaçu. Isso demonstra a longa história e a importância do babaçu para o sustento das comunidades tradicionais.

“Crie seis filhos quebrando coco para alimentar”. Extr.t_2.

“Vivo do babaçu; quando vendo o azeite, compro alimento para minha família comer”. Extr.t_4.

Nessa perspectiva, considerando a importância do babaçu para as comunidades locais, pode-se inferir que ele não é apenas uma fonte de renda, mas sim um símbolo de resistência e de sustento cultural e econômico para gerações de famílias que dependem dele para sua subsistência.

Não se pode deixar de mencionar que a atividade extrativista do babaçu é considerada uma profissão, principalmente pelas mulheres (Carrazza; Cruz; Silva, 2012; Sousa; Silva, 2017). Destaca-se que a atividade econômica desta região ainda é a extração e comercialização do babaçu (Teixeira; Moreira; Silva, 2018). O extrativismo dos recursos naturais e a exploração dos minérios, foram as principais base econômicas no Tocantins, principalmente na região do Bico do Papagaio, pelo fato de ser uma região inserida na fronteira amazônica (Santos e Vieira, 2018). Para Giralдин (2017), essas características contribuíram para o fortalecimento da agricultura e intensificaram a cultura do babaçu.

Dessa forma, a expressão “sustento familiar”, não está relacionada somente à atividade extrativa como trabalho, mas também está ligada à cultura e à manutenção das populações tradicionais. Conforme Shiraishi Neto (2017), o valor do babaçu para as mulheres desperta cuidado e estabelece um vínculo com a palmeira. Não é somente um trabalho, mas representa vínculos das pessoas com a localidade; mesmo que não vivam diretamente desse trabalho, não deixam de realizá-lo por sua identidade e ligação com cultura.

Ainda sobre a palavra "aproveitamento sustentável", levanta-se que do babaçu se aproveita todas as partes do caule ao fruto e tem uma considerável utilidade como a geração de energia, alimentação humana e de animais, fabricação de artesanatos, construção, religiosos, cosméticos e usos medicinais (Campos *et al.*, 2015). O babaçu tem influência em vários segmentos da economia, abastece o mercado mundial e seus insumos continuam sendo direcionados para vários setores (Maciel *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2021). Destaca a importância do extrativismo do babaçu não só na economia local, mas também na sustentabilidade ambiental e no sustento das comunidades locais, demonstrando sua relevância econômica e social.

As expressões “renda complementar” e “suprir necessidade” representam que, para os atores locais, principalmente as quebradeiras de coco, muitas delas já estão aposentadas, ainda trabalham na quebra do coco para complementar a renda e suprir suas necessidades imediatas. Foi verificado na pesquisa que a maioria dos entrevistados eram aposentadas.

“Sou aposentada, mas sempre quebro coco quando quero comprar alguma coisa”. Extr.t_5.

“Antes de me aposentar, minha única renda era o babaçu, (...)”. Extr.t_10.

“Tenho meu aposento, mas quando preciso de um dinheiro extra quebro coco. Extr.t_11.

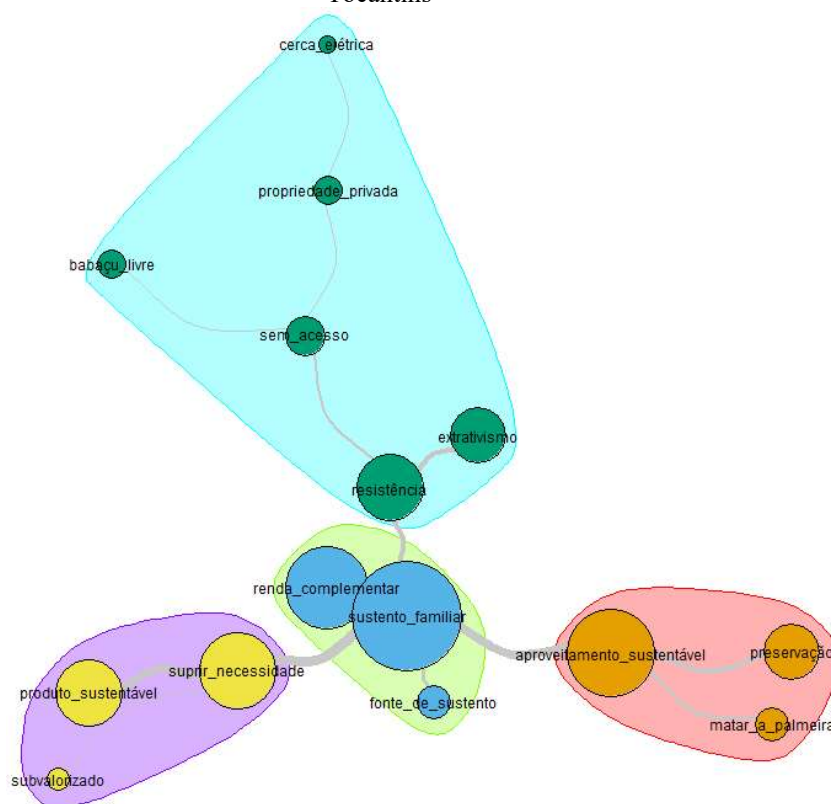
A quebra do coco, mesmo para aposentadas, se configura como uma atividade essencial para complementar a renda e suprir necessidades básicas, evidenciando a importância do babaçu para a manutenção do sustento dos participantes da pesquisa.

No Quadro 1, apresenta-se vários outros termos que não tiveram suas frequências altas, mas têm impacto para compreender a dinâmica e a importância desse ecossistema para as comunidades locais. A “resistência” das comunidades em preservar o babaçu e garantir sua subsistência, mesmo diante de desafios como a “propriedade privada”, “sem acesso”, “cerca elétrica”, “conflitos” territoriais, “subvalorização” dos produtos, a luta pelo “babaçu livre”, representa a batalha constante pelos babaçuais. Essa resiliência não apenas reflete a importância cultural, econômica, social e ecológica do babaçu, mas também evidencia a sua relevância para a sustentabilidade das “comunidades tradicionais” locais que dependem da exploração do babaçu.

Além desses termos, surgem o “reaproveitamento sustentável” e “aproveita palha” para atividades de artesanatos, entre outros, que são integrações de práticas de manejo responsável do babaçu. A diversificação dos produtos derivados ou seu uso para outras finalidades, isto representa o fortalecimento das cadeias produtivas locais, garantindo a continuidade e o desenvolvimento sustentável dessas “comunidades tradicionais”.

Na Figura 1, apresenta-se a análise de similitude com quatro *clusters*, que resultaram nos elementos “sustento familiar”, “aproveitamento sustentável”, “suprir necessidade” e “resistência”, sendo essenciais para a compreensão da realidade enfrentada pelos participantes da pesquisa nas comunidades. Esses elementos demonstram uma maior interconexão, evidenciando que o extrativismo não está apenas relacionado às questões econômicas e sociais, mas também às ambiental e, destacando a sua relevância e a complexidade dos aspectos envolvidos na prática do extrativismo do babaçu na Resex do Extremo Norte do Tocantins.

Figura 1: Análise de similitude das evocações dos atores extrativos do babaçu na Resex do Extremo Norte do Tocantins



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

No *cluster* verde, o termo “sustento familiar” tem maior grau de conexidade com “renda complementar” e “fonte de sustento”, sendo que esses termos têm uma ligação com o

extrativismo do babaçu, pois descrevem como essa atividade pode impactar positivamente as famílias, fornecendo subsistência, renda e sustento econômico. No contexto do extrativismo do babaçu, é possível ressaltar que essa atividade, apesar dos impasses como “sem acesso”, “propriedade privada” e “cerca elétrica”, tem beneficiado as famílias ao proporcionar o sustento das necessidades básicas e a estabilidade na segurança financeira com a renda obtida da exploração do babaçu. Nesse contexto, para Melo (2022), o babaçu é uma fonte de renda para as comunidades tradicionais que utilizam seus recursos naturais para viver, ocupando uma ampla área nos estados do norte e nordeste.

O *cluster* lilás trouxe o termo “suprir necessidade”, que teve origem da expressão “sustento familiar” (*cluster* verde), podendo ser entendido como o esforço para prover o sustento básico e as condições necessárias para a estabilidade e o bem-estar da família. Sendo que esse termo, tem conexão direta com “produto sustentável”, pois a exploração responsável do babaçu não apenas garante o sustento das comunidades que dependem dessa atividade, mas também contribui para a preservação ambiental e para a economia local.

O extrativismo do babaçu, apesar de “subvalorizado” nos seus produtos sustentáveis (relação ao termo “produto sustentável”) e apresenta um potencial para “suprir necessidade” das famílias extrativistas. Que no *cluster* lilás, estes termos representam as oportunidades econômicas e sociais com esta exploração extrativista.

A exploração do babaçu, especialmente pelas quebradeiras de coco, tem superado barreiras (*cluster* azul) que são os desafios enfrentados no contexto dessa atividade. De acordo com Melo (2022), elas se estabelecem como comunidades extrativistas, pois além da preservação palmeira do babaçu, esta é uma fonte de seu sustento.

Destacam-se no *cluster* salmão os seguintes termos “aproveitamento sustentável”, “preservação” e “mata a palmeira”, refletindo a complexidade e os desafios enfrentados no manejo sustentável dessa fonte de recursos. Essas questões estão relacionadas à sustentabilidade das florestas de babaçuais e ao aumento do desmatamento, especialmente a derrubada da palmeira de babaçu e aplicação de venenos para matá-las, que vem ocorrendo na Reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins.

Ao especificar a relação do “aproveitamento sustentável”, observa-se que os modos de vida das comunidades tradicionais têm o cuidado no uso dos recursos naturais. A “preservação” e “mata a palmeira” revelam uma preocupação dos atores envolvidos com o extrativismo, com o desmatamento das palmeiras de babaçu adultas e matando as mais jovens, isto são favorecidos pela falta de regulamentação e fiscalização na Resex do Extremo Norte do Tocantins.

“(…) quando eles não derrubam a palmeira de motosserra, (…) furam a palmeira e aplicam veneno (…)”. Extr.t_18.

O desmatamento, com a finalidade da expansão da agropecuária, leva à concentração de renda para os fazendeiros, mas deixa de beneficiar as famílias que vivem do extrativismo do babaçu (Teixeira; Moreira; Silva, 2018). Esse fator resulta na redução da oferta do produto extrativo, privando os extrativistas e causando impactos socioambiental. Porém, os descasos com os babaçuais apresentados pelos atores da Resex do Extremo Norte do Tocantins, tem relação com o estudo de Melo (2022), por não ter políticas públicas efetivas para estas comunidades extrativistas e com fiscalizações ineficientes.

O *cluster* azul destaca-se pelos desafios “resistência”, “extrativismo”, “sem acesso” e “propriedade privada”, “babaçu livre” e “cerca elétrica”, esses termos estão relacionados à luta e à persistência dos atores envolvidos com o extrativismo do babaçu na Resex do Extremo Norte do Tocantins. Para entender as dinâmicas e as dificuldades enfrentadas nas comunidades conforme os termos relacionados no *cluster* azul, os desafios evidenciados pelos atores locais

incluem o acesso à terra e o direito garantido de utilização dos recursos de forma sustentável, bem como o uso dos espaços pelas famílias extrativistas, especialmente pelas quebradeiras de coco.

Apesar dos 32 anos da criação da Resex do Extremo Norte do Tocantins (Brasil, 1992), as terras ainda não foram desapropriadas. A falta de regularização dessas áreas obriga as quebradeiras de coco a realizar a coleta e a quebra do coco em propriedades privadas que faz parte da reserva, muitas vezes enfrentando cercas elétricas e proibições de acesso aos babaçuais. Para Oliveira; Sousa (2016) “a questão da regularização fundiária ainda é um desafio a ser rompido nesse território”.

O termo “babaçu livre” está relacionado à legislação para exploração e preservação dos babaçuais. A proibição por parte dos proprietários da “propriedade privada” na exploração de babaçu pelas quebradeiras de coco, para os participantes da pesquisa, representa uma luta histórica pelas comunidades da Resex do Extremo Norte do Tocantins na garantia do acesso livre aos babaçuais, especialmente na área da Reserva.

Nesse contexto, isto vem acontecendo, mesmo com a Lei do Babaçu Livre nº 9.159/2008 (Tocantins, 2008) e a criação da Resex do Extremo Norte do Tocantins (Brasil, 1992). As quebradeiras de coco ainda são impedidas de ter acesso aos babaçuais. Não se pode deixar de destacar o papel das organizações social, através do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco (MIQCB), Associação da Reserva Extrativista do Extremo Norte (ARENT) e Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Carrasco Bonito (STTR-CB), que vêm lutando para que esses direitos sejam cumpridos e as quebradeiras de coco tenham assegurado o seu espaço de trabalho e a preservação das palmeiras. Refletindo a essência dos termos "sustento familiar", "suprir necessidade", “fonte de sustento” e “renda complementar”, na busca diária pela estabilidade econômica e socioambiental.

Na análise prototípica dos quatro quadrantes, são apresentados os principais termos e suas respectivas importâncias de evocação, conforme detalhado na Tabela 2, em relação ao extrativismo do babaçu.

Tabela 2: Análise Prototípica dos atores extrativos do babaçu na Resex do Extremo Norte do Tocantins

<i>Ordem Média de Evocações <3,0</i>				<i>Ordem Média de Evocações ≥3,0</i>			
<i>Frequência >= 6,32</i>	Núcleo Central			Primeira Periferia			
	Palavra	Frequência	OME	Palavra	Frequência	OME	
	Sustento familiar	18	2,6	Renda complementar	13	3,5	
	Aproveitam. sustentável	14	2,6	Suprir necessidade	13	3,3	
	Resistência	10	2,8	Produto sustentável	10	3,3	
	Preservação	8	2,8				
	Extrativismo	8	2,2				
<i>Frequência <= 6,32</i>	Zona de Contraste			Segunda Periferia			
	Palavra	Frequência	OME	Palavra	Frequência	OME	
	Babaçu livre	3	2,0	Sem acesso	5	4,2	
	Subvalorizado	2	1,5	Matar a palmeira	4	4,0	
	Cerca elétrica	1	2,0	Fonte de sustento	4	3,8	
	Aproveita palha	1	3,0	Propriedade privada	3	3,3	
	Reaproveitamento sustent.	1	3,0	Comunidades tradicionais	3	5,0	
				Conflitos	1	5,0	

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Na Tabela 2, a análise prototípica, os termos que se destacaram foram: i) Núcleo Central com “sustento familiar”, “aproveitamento sustentável” e “resistência”; ii) Primeira Periferia com “renda complementar”, “suprir necessidade” e “produto sustentável”; iii) Zona de Contraste com “babaçu livre”, “subvalorizado”, “cerca elétrica” e “aproveita palha”; iv) Segunda Periferia com “sem acesso”, “matar a palmeira”, “fonte de sustento” e “propriedade privada”. Pode-se inferir que as evocações estão relacionadas com os desafios enfrentados pelos atores locais, o sustento das necessidades básicas, o acesso à terra, o direito garantido ao uso sustentável dos recursos e os espaços livre para as famílias extrativistas.

No Núcleo Central (Tabela2), as evocações “sustento familiar” com $f=18$ e $OME=2,6$ e “aproveitamento sustentável” com $f=14$ e $OME=2,6$, representam para os participantes que a exploração do babaçu está relacionado com as necessidades básicas, como meio de vida para manutenção do sustento. Ainda neste quadrante, as evocações “resistência”, “preservação” e “extrativismo” referem-se a resiliências diante dos desafios em meio à exploração insustentável na Resex do Extremo Norte do Tocantins. As evocações “resistência” e “preservação” demonstram a força da comunidade em defender seus modos de vida e seus valores, enquanto a evocação “extrativismo” evidencia a preocupação com na preservação das palmeiras do babaçu para a geração de renda e sustento.

O quadrante da Primeira Periferia na Tabela 2, as evocações como “renda complementar” com $f=13$ e $OME=3,5$, “suprir necessidade” com $f=13$ e $OME=3,3$ e “produto sustentável” com $f=10$ e $OME=3,3$, essas evocações revelam uma preocupação com a sustentabilidade social e ambiental, combinada com a busca por renda para suprir o sustento familiar.

As evocações da Zona de Contraste com “babaçu livre” com $f=3$ e $OME=2,0$ e “cerca elétrica” com $f=1$ e $OME=2,0$, representam a divergência entre a liberdade de acesso, imposta pelo proprietário, que não respeita a Lei do Babaçu Livre (Tocantins, 2008), e estão relacionadas às terras que ainda não foram desapropriados. As evocações “subvalorizado” com $f=2$ e $OME=1,5$, “aproveita palha” e “reaproveitamento sustentável”, estabelece a conexão da exploração do babaçu, destacando a importância de valorizar e utilizar de forma consciente os recursos naturais e suas múltiplas aplicações sustentáveis.

Na Segunda Periferia indica uma categoria intermediária, os termos ocupam uma posição de destaque, mas não migrando para os quadrantes Núcleo Central e Primeiro Periferia. Nesse quadrante, as evocações “sem acesso” com $f=5$ e $OME=4,2$, “matar a palmeira” com $f=4$ e $OME=4,0$, “propriedade privada” com $f=3$ e $OME=3,3$ e “conflitos”, representam a inquietação dos preocupação dos participantes da pesquisa com os desafios decorrentes dos conflitos socioambientais associados a essas práticas de sustento das famílias, relacionado a “fonte de sustento” com $f=4$ e $OME=3,8$ que representam as “comunidades tradicionais” com $f=3$ e $OME=3,3$.

Na análise de similitude e de prototípica, foram identificados termos que representam as percepções dos atores locais, e suas preocupações com a exploração do babaçu, como na fala da Extr.t_24 que expressou temores quanto à possibilidade de extinção do babaçu ao dizer “o babaçu vai acabar”.

Na análise dos resultados, ficou evidenciado que o extrativismo do babaçu corresponde à manutenção do sustento das necessidades básicas, representado pelo termo “sustento familiar”, sendo a palavra mais evocada por 18 participantes (f) ao serem perguntados pelo termo indutor. Outros termos, considerados foram “aproveitamento sustentável” com 14 participantes (f) e “resistência” com 14 participantes (f), que na análise de prototípica foram demonstrados no Núcleo Central, isto indica que o termo indutor foi mais concentrado nas primeiras posições, pois foi o primeiro que veio à mente.

Na pesquisa, foi possível evidenciar que, de acordo com a percepção dos atores locais, a exploração do coco babaçu, vem ocorrendo diversos fatores, como desvalorização do produto e a falta de infraestrutura para transportar o coco *in natura* até um local adequado para quebra, sendo que os proprietários não aceitam extrair as amêndoas no local de coleta. Além disso, a falta de incentivos através de políticas públicas, entre outros, colabora com esses fatores.

5. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar, na percepção dos atores locais, a importância e os desafios da atividade extrativista do babaçu no estado do Tocantins. Foi feito o questionamento sobre como a atividade extrativista do babaçu tem impactado o estado do Tocantins na percepção dos atores locais. Dessa forma, o objetivo foi atingido, pois a análise revelou a relevância do extrativismo do babaçu, principalmente na manutenção do sustento necessários básicos para as famílias das comunidades tradicionais locais, além de evidenciar os desafios enfrentados pelos extrativistas como proibição do acesso aos babaçuais. A questão de pesquisa foi respondida, por meio da identificação dos impactos positivos e negativos do extrativismo dos babaçuais, bem como das estratégias utilizadas pelas comunidades para lidar com esses desafios.

A relevância do extrativismo do babaçu para o estado do Tocantins é evidenciada pela sua contribuição sociocultural, econômica e ambiental. A importância da exploração do babaçu como atividade econômica impulsionou a defesa desses territórios, enquanto o envolvimento dos atores locais promoveu a conservação e preservação dos babaçuais, beneficiando não apenas os que dependem diretamente dessa atividade, mas também aqueles que são indiretamente impactados por essa atividade.

Considerando os resultados da pesquisa, pode-se concluir que as palavras que mais se destacaram foram “sustento familiar”, “aproveitamento sustentável”, “renda complementar”, “suprir necessidade”, “produto sustentável”, “resistência”, “preservação” e “extrativismo”. Esses termos expressam a importância do extrativismo do babaçu como sustento familiar e fonte de renda para suprir suas necessidades, mas como forma de resistência pelos conflitos como acesso livre e na preservação das palmeiras de babaçu.

Reforçando, foi evidenciado que o extrativismo do babaçu continua influenciando o sustento das famílias, adicionado-se a isso a conscientização sobre o aproveitamento sustentável do produto extrativo. Isto garante a renovação e conservação sem comprometer o sustento das futuras gerações, respeitando os direitos das comunidades tradicionais. Isso implica em adotar práticas que mantenham o equilíbrio dos ecossistemas, promovam o desenvolvimento socioeconômico dessas comunidades locais, fortalecendo a autonomia e a resiliência das populações envolvidas.

A falta de regularização da Reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins é um problema para o extrativismo do babaçu no estado do Tocantins. A desapropriação das terras irá beneficia as comunidades tradicionais extrativistas, garantindo estabilidade econômica e segurança para essas comunidades, que hoje se encontram no entorno da Resex.

É importante ressaltar que a preocupação dos atores sociais está centrada na preservação das palmeiras de babaçu, manifestando-se através das lutas que representam a resistência, a ausência de regularização fundiária ambiental e a redução do desmatamento das palmeiras de babaçu.

Pode-se concluir que a atividade extrativista do babaçu ainda continua a ser explorada como trabalho, resultando em produtos sustentáveis e, representando luta, persistência, organizações sociais, preservação e cultura. Sendo assim, essa atividade extrativista desempenha um papel na economia local, gerando renda e promovendo a autonomia das comunidades tradicionais que dela dependem. Além do reconhecimento e respeito às tradições

locais relacionadas ao babaçu são fundamentais para garantir a continuidade dessa atividade, como sustento, renda e preservação.

Referências

BOLWERK, D. A. **A (RE) produção do espaço/Tocantins no contexto regional**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2014.

BRASIL. **Decreto n. 535, de 20 de maio de 1992**. Cria a Reserva Extrativista do Extremo Norte do Estado do Tocantins. Brasília, 1992.

CALDERON, R. DE A. **Mercado de produtos florestais não madeireiros na Amazônia brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

CAMPELO FILHO, E.; ROSA, A. G. F.; LOPES JÚNIOR, R. DE M.; CASELLI, F. DE T. R. Economia solidária: a realidade das quebradeiras de coco babaçu no interior do Brasil. **Revista em Agronegocio e Meio Ambiente**, v. 11, n. 4, p. 1239–1257, 2018.

CAMPOS, J. L. A.; SILVA, T. L. L.; ALBUQUERQUE, U. P.; PERONI, N.; ARAÚJO, E. L. Knowledge, use, and management of the Babassu palm (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) in the Araripe region (Northeastern Brazil). **Economic Botany**, v. 69, n. 3, p. 240–250, 1 set. 2015.

CARRAZZA, L. R.; CRUZ, J. C.; SILVA, M. L. **Manual tecnológico de aproveitamento integral do fruto do Babaçu**. 2. ed. Brasília : Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 2012.

CASELLI, T. DE F. R.; RIBEIRO, R. D. D. V.; LOPES, J. B.; ALMEIDA NETO, J. R. Extrativismo, sustentabilidade e inclusão social das Quebradeiras de Babaçu no Meio Norte do Piauí. **Revista Paper do NAEA**, p. 1–17, 2018.

CASTRO, E. R.; CAMPOS, Í. Formação profissional em serviço social: considerações sobre o estado do Tocantins. *IN*: CASTRO, E. R.; CAMPOS, Í. (Eds.). **Coleção Formação regional da Amazônia**. Belém: NAEA, 2015.

CELESTINO, S. Formação profissional em serviço social: considerações sobre o estado do Tocantins. **Temporalis**, v. 16, n. 32, p. 205–230, 2016.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim da Sociobiodiversidade**. Brasília: Conab, 2022.

CORREIA, J. C.; JOIA, L. A. **A Representação Social das Competências Essenciais aos CIOs sob a Perspectiva dos Profissionais de TIE** Encontro da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro: 2014.

DONATO, S. P.; ENS, R. T.; FAVORETO, D. E. A.; PULLIN, E. M. P. M. Da análise de similitude ao grupo focal: estratégias para estudos na abordagem estrutural das representações sociais. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 14, n. 37, p. 367–394, 2017.

GIRALDIN, O. Povos indígenas e não-indígenas. uma introdução à história das relações interétnicas no Tocantins. *IN*: GIRALDIN, O. (Ed.). **A (Trans)formação histórica do Tocantins**. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004.

GIRALDIN, O. “Árvore da providência”; “refrigério da pobreza”. O universo cultural do babaçu no Bico do Papagaio. *IN*: SANTOS, A. M.; MUNIZ, C. P. L. (Eds.). **Universo da cultura da palmeira do babaçu**. Palmas: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2017.

GOMES, C. V. A. Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 13, n. 1, p. 129–146, 1 jan. 2018.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia: Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GOUVEIA, V. M. **O mercado de amêndoas de babaçu no estado do Maranhão**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

GOUVEIA, V. M.; ANGELO, H. **Tendência do mercado de amêndoas de babaçu no Maranhão** XII Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. **Anais...** 2017.

GUERRA, G. C. M.; SHINZAKI, K.; ICHIKAWA, E. Y.; SACHUK, M. I. A representação social da profissão de contador na perspectiva dos profissionais da contabilidade. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 5, n. 12, p. 157–171, 2011.

HOMMA, A. K. O. Extrativismo vegetal ou plantio: qual a opção para a Amazônia? **Estudos Avançados**, v. 26, p. 167–187, 2012.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/buriti-do-tocantins/panorama>>. Acesso em: 23 mar. 2024a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Variável quantidade produzida na extração vegetal - Babaçu**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/289#resultado>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/sampaio/panorama>>. Acesso em: 23 mar. 2024b.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/carrasco-bonito/panorama>>. Acesso em: 23 mar. 2024c.

JODELET, D. Interconnections between social representations and intervention. *Em*: ROUTLEDGE (Ed.). **Social Representations in the “Social Arena”**. New York: Rosa, Annamaria Silvana, 2013.

JUSTO, A. M.; CAMARGO, B. V. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. *in*: NOVIKOFF, C.; SANTOS, S. R. M.; MITHIDIERI, O. B. (Eds.). **Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro**. Duque de Caxias: [s.n.], p. 37–54.

MACIEL, D. L.; VARGAS, J. A. C.; MEZZOMO, R.; GAMA, M. A. S.; LEITE, L. C.; RODRIGUES, Í. R. C.; OLIVEIRA, L. R. S.; FARIAS, M. L. F.; LUZ, W. B. S.; ALVES, K. S. Physicochemical, nutritional, and sensory attributes of Minas frescal cheese from grazing

cows fed a supplement containing different levels of babassu coconut (*Orbignya speciosa*). **International Dairy Journal**, v. 127, 1 abr. 2022.

MELO, A. S. **As quebradeiras de coco babaçu e os desafios do uso sustentável da floresta: a luta pela terra pós democratização do Brasil e desenvolvimento econômico**. 2022. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas (PPGHISPAM). Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional - TO, 2022.

MIQCB-MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU. **Sobre nós**. Disponível em: <<https://www.miqcb.org/sobre-nos>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. France: [s.n.]. 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. [s.l: s.n.]. v. 11. 2015.

OLIVEIRA, M. R.; SOUSA, D. N. A luta pela regularização fundiária da reserva extrativista do Extremo Norte do Estado do Tocantins. **ACTA Geográfica**, p. 111–129, 2016.

OSORIO, L. A. R.; LOBATO, M. O.; CASTILLO, X. A. DEL. An epistemology for sustainability science: a proposal for the study of the health/disease phenomenon. **International Journal of Sustainable Development and World Ecology**, v. 16, n. 1, p. 48–60, fev. 2009.

PAIXÃO, L. C. *et al.* Aplicações farmacêutica bioprodutos do babaçu. **Revista Ciências da Saúde**, v. 21, n. 2, p. 35–44, 2019.

PALAGI, E.; GANDON, F.; TRONCY, R.; GIBOIN, A. **A survey of definitions & models of exploratory search** ESIDA 2017 - Proceedings of the 2017 ACM Workshop on Exploratory Search and Interactive Data Analytics, co-located with IUI 2017. **Anais...** Association for Computing Machinery, Inc, 13 mar. 2017.

PORRO, N. M.; MOTA, D. M.; SCHMITZ, H. Movimentos sociais de mulheres e modo de vida em transformação: revendo a questão dos recursos de uso comum em comunidades tradicionais. **Raízes**, v. 10, n. 2, p. 111–126, 2010.

PORRO, R. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum**, n. 1, p. 169–188, 2019.

PORRO, R. Dimensões diferenciadas do engajamento camponês no extrativismo do babaçu. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 30, n. 2, p. e2230204, 6 out. 2022.

PORRO, R.; SOUSA, R. C. Anatomy of babassu-nut value chain for policy guidance in support of traditional agroextractive communities in the Mearim Valley, Maranhão, Brazil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 61, n. 4, 2023.

ROCHA, M. R. T. **A rede sociotécnica do babaçu no Bico do Papagaio-TO: dinâmicas da relação sociedade natureza e estratégias de reprodução social agroextrativista**. Porto

Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2011.

SANTOS, M. A. DA R.; VIEIRA, F. P. Percepções sobre sustentabilidade na educação ambiental. **Revista Desafios**, v. 5, 2018.

SHIRAISHI NETO, J. Quebradeiras de coco: “Babaçu livre” e reservas extrativistas. **Veredas do Direito**, v. 14, n. 28, p. 147–166, 1 jan. 2017.

SIENA, O.; MÜLLER, C. A. D. S.; FACHINELLO, D. T. Visões de sustentabilidade dos atores da cadeia produtiva dos produtos florestais não-madeiráveis. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 6, n. 1, 13 ago. 2012.

SILVA, E. S.; MENDONÇA, G. R.; PINTO, R. A.; LEMOS, T. DE O.; ABREU, V. K. G.; PEREIRA, A. L. F. Beverage made from babassu nut kernels and grape fruit: physicochemical properties and sensory acceptance. **British Food Journal**, v. 123, n. 6, p. 2139–2151, 2021.

SILVA, L. D. J. S.; MENEGHETTI, G. A.; PINHEIRO, J. O. C.; SANTOS, E. M.; PARINTINS, D. M. O extrativismo como elemento de desenvolvimento e sustentabilidade na Amazônia: um estudo a partir das comunidades coletoras de castanha-do-Brasil em Tefé, AM. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 11, n. 2, 30 ago. 2019.

SOUSA, D. R. N.; OLIVEIRA, M. L. R. Conflitos e Desafios de populações tradicionais na Amazônia brasileira: o caso da Reserva Extrativista do Extremo Norte do Estado do Tocantins. **Mundo Agrario**, v. 18, n. 38, 1 ago. 2017.

SOUSA, V. N. G.; SILVA, E. As quebradeiras de coco babaçu da microrregião do Bico do Papagaio do Extremo Norte tocaninense. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 11, n. 6, p. 114–124, 2017.

TAVARES, D. W. DA S.; BRITO, R. C.; CÓRDULA, A. C. C.; SILVA, J. T.; NEVES, D. A. DE B. Protocolo verbal e teste de associação livre de palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação. **Ponto de Acesso**, v. 8, n. 3, p. 64–79, 2014.

TEIXEIRA, H. T.; MOREIRA, D. C.; SILVA, N. T. C. Territórios, populações tradicionais e conflito: a realidade da Reserva Extrativista Extremo Norte do Tocantins, Brasil. **SÉMATA**, v. 30, p. 359–376, 2018.

TOCANTINS. **Lei nº 1959, de 14 de agosto de 2008**. Dispõe sobre a proibição da queima, derrubada e do uso predatório das palmeiras do coco de babaçu e adota outras providências. Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins, 2008.

VERAS, K. S.; BARBOZA, J. R.; SILVA, V. C.; MESQUITA, L. S. S.; MESQUITA, J. W. C.; AMARAL, F. M. M.; RIBEIRO, M. N. R. Aplicação do babaçu (*Attalea speciosa* Mart.) na indústria cosmética. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 4, p. 791–796, 2016.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: [s.n.]. 2016.

VIEIRA, F. P. Um exercício de colonial na educação ambiental: a territorialidade em uma reserva extrativista. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 35, n. 2, p. 315–335, 2018.